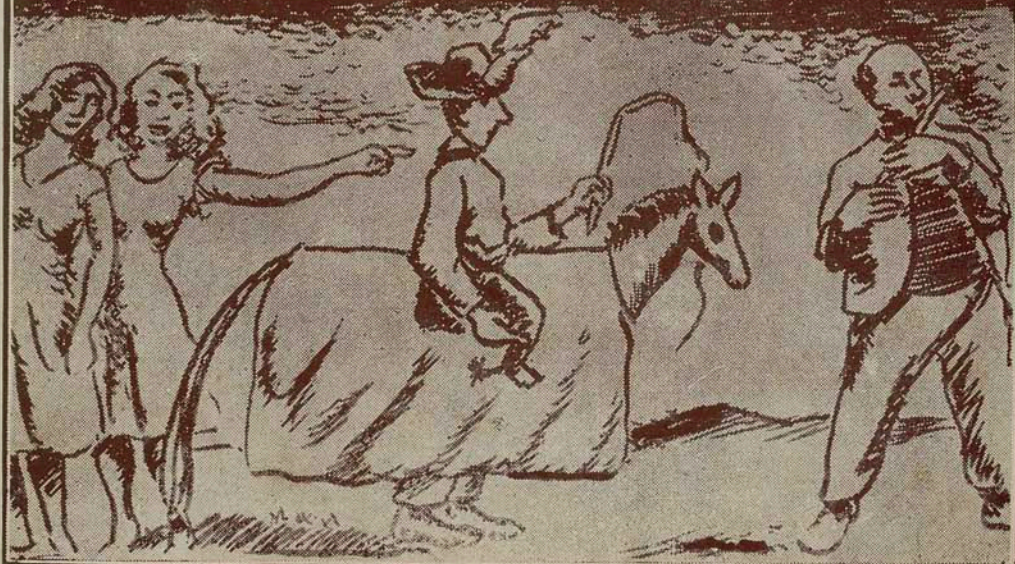




J.B.E.C.C.

Sub-Comissão Catarinense  
de Folclore

# Boletim Trimestral

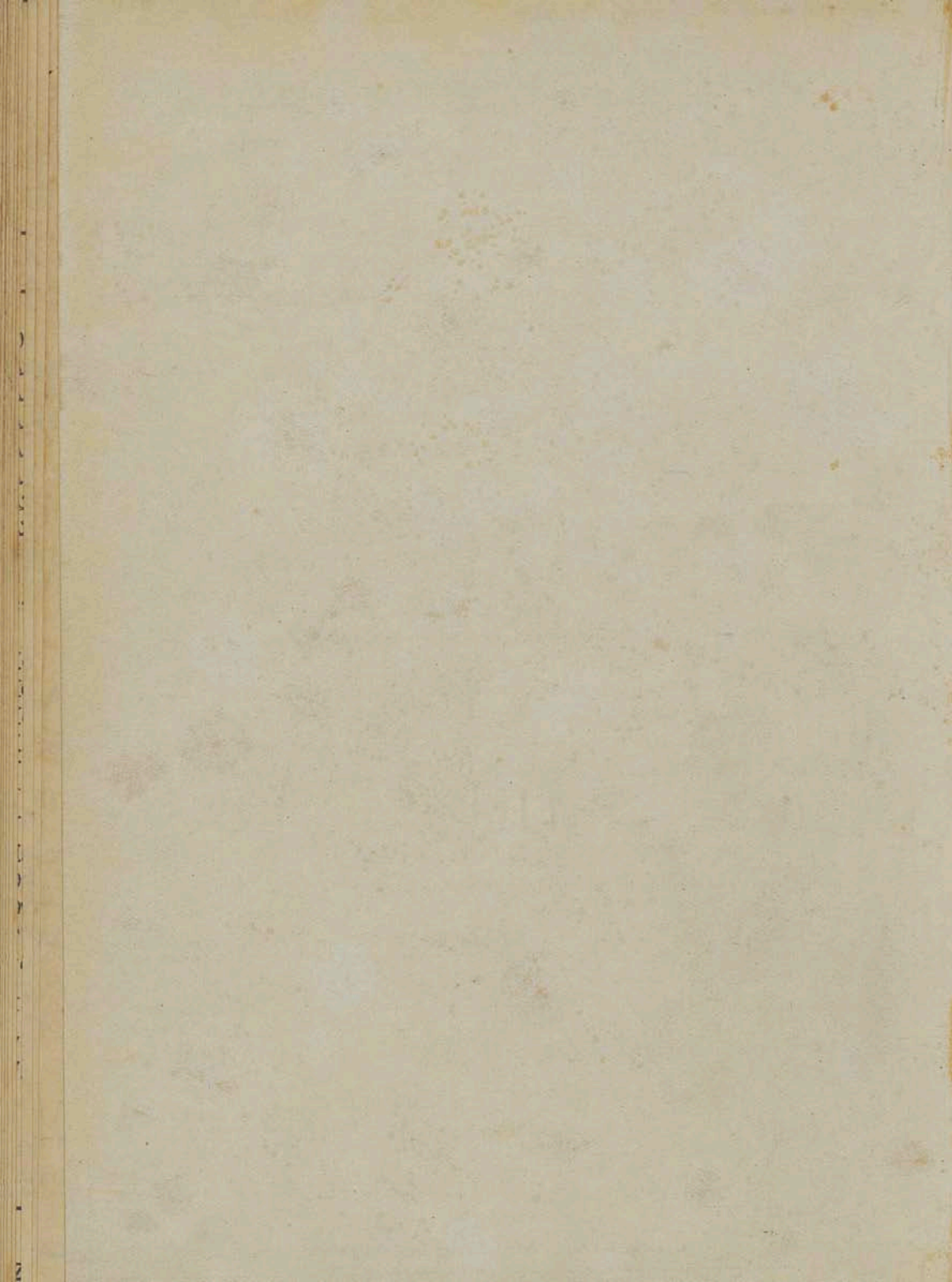


FLORIANÓPOLIS

SERIE C

JUNHO DE 1950

Nº 2



SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Boletim Trimestral

Nº 2

DEZEMBRO DE 1949

ANO 1

|                         |               |
|-------------------------|---------------|
| BIBLIOTECA PÚBLICA / SC |               |
| Clas.: _____            |               |
| Reg.: 073               |               |
| Data: 12.06.96          | Neste número: |

|   | Pag. |
|---|------|
| Noticiário .....  | 3    |
| A Pesca com o Bôto → (João dos Santos Areão) .....                    | 8    |
| Sobre Folclore Joinvilense (Plácido Gomes) .....                      | 14   |
| As Verrugas no Folclore Catarinense (Walter F. Piazza) .....          | 17   |
| Vocabulário Regional Catarinense (Demostenes Veiga) .....             | 19   |
| Pelos Municípios Catarinenses (Colaboração do DEE) .....              | 21   |
| A respeito dos Corações e do "Pão por Deus" (Oswaldo R. Cabral) ..... | 26   |
| Resumo das Atas .....   | 32   |

---

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Enderêço provisório:

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA - CP-206

NOTICIÁRIO

A VISITA DO DR. RENATO ALMEIDA A SANTA CATARINA

Como decorrência de conversações havidas durante o 1º Congresso de História da Bahia, realizado na cidade do Salvador, em Março do ano em curso, entre os srs. Oswaldo R. Cabral, Secretário-Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, e Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, ficou assentada a vinda deste insigne homem de letras à nossa terra.

Sob o patrocínio da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e desta Sub-Comissão, processou-se a tão almejada visita que tanto aviventou o ambiente cultural florianopolitano.

E, chegado à Florianópolis o distinto diplomata, no mesmo dia da chegada teve a oportunidade de assistir a uma seroad folclórica no Lira Tênis Clube. Naquêle simpático Clube, cedido gentilmente pelo seu presidente, Dr. Osvaldo Bulcão Vianna, teve o dr. Renato Almeida o ensejo de apreciar o que há de mais expressivo nas tradições e costumes catarinenses, como: "o boi de mamão", a "dança do cupido", a "dança da jardineira", o "pau-de-fita", e tudo isso numa harmonia encantadora. Mas, ouviu, ainda, "Toada do Mar", em acordeon, e o clímax da noite: "dança do pezinho" - dansado por alunos do Grupo Escolar "Lauro Müller", o que muito emocionou o dr. Renato Almeida. E, encerrando aquela noite folclórica, a Orquestra Juvenil de Florianópolis - pugilo de moços, incansáveis e idealistas - executou a "Rapsódia Catarinense", de autoria do saudoso conterrâneo Álvaro Souza e orquestrada pelo maestro Emanuel Paulo Peluso. Aqui deixa

mos os nossos sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para o brilhantismo daquela noite.

### As conferências

Dentro do programa previamente traçado de veria o dr. Renato Almeida realizar duas conferências. Porém, mais se exigiu: realizar uma mesa redonda, com o Círculo de Arte Moderna, e, uma aula, no Instituto de Educação "Dias Velho". A sua primeira conferência versou sobre "O Nacionalismo na Música Brasileira".

Nessa conferência delineou S. Excia, o quadro geral do nacionalismo na música europeia do século passado. Ressaltou o nacionalismo de Chopin e dos "cinco russos". Fixou, então, o problema do Brasil. Citou "A Sertaneja", do compositor paranaense Basílio Itiberê da Cunha, como primeira manifestação do nosso nacionalismo. E, concluiu afirmando que a escola nacionalista brasileira se forma com os compositores modernistas, em Vilas Lobo, Lorenzo Fernandez, Lucio Gallet. Francisco Mignone, Camargo Guarinieri, Radames Gnattali e outros até o atonalista Guerra Peixe. E, finalmente, realça as formas nacionalizantes, citando Álvaro Souza com a sua "Rapsódia Catarinense". E, concluiu a sua bela oração: se o nacionalismo é superado pelo universal, ele deve marcar o caráter da obra de arte, dando-lhe a seiva das origens para lhe perpetuar a grandeza entre as mensagens dos homens de todas as pátrias.

No dia imediato, alguns membros da Sub-Comissão Catarinense de Folclore lhe ofereceram um almoço no restaurante do Lira Tênis Clube.

E, à tarde, em prosseguimento às suas atividades, em Florianópolis, o Sr. Ministro Renato Almeida realizou a sua reunião com os membros do Círculo de Arte Moderna, na Biblioteca do Clube 12

de Agôsto, que contou com a presença dos srs. Deputado João José de Souza Cabral, Almiro Caldeira de Andrade, Walter F. Piazza e Osvaldo Ferreira de Melo, desta Sub-Comissão, mais os membros daquele Circulo, e o diplomata Paschoal Carlos Magno. Foram debatidos varios assuntos de interesse como existencialismo, suas realizações, a função do artista na arte, atonalismo, etc.

Completando o seu programa em terras bar-rigas verdes o Dr. Renato Almeida, no amplo salão nobre da nossa Faculdade de Direito, onde, tambem realizara a primeira conferência, realizou a segunda que versou sobre "Folclore e Educação".

Nessa conferência que contou com a presença do Sr. Governador do Estado, o Sr. Ministro Renato Almeida estudou os varios ciclos de ensino e o aproveitamento do folclore nesses mesmos ciclos, principalmente na escola rural, sobre tudo nos centros de colonização estrangeira, como contribuição à adaptação do filho do colono.

Defendeu a criação de uma cadeira de Folclore no ciclo normal e mostrou a sua razão de ser. Defendeu, ainda, a necessidade da cadeira de folclore nas Faculdades de Filosofia e Letras. Abordou a seguir o ensino artistico, particularmente o musical, e disse dos resultados favoraveis da cadeira de folclore nos Conservatorios de Musica. Disse, ainda, das necessidades dos museus escolares.

Por fim, depois de verificar a atenção que os educadores vêm dando ao problema, reclamou a necessidade urgente de uma solução ao mesmo que, na sua opinião, está na inclusão das cadeiras de Folclore, que sistematizem o trabalho de pesquisa e de fendas o inenso patrimônio das artes e tradições populares brasileiras.

A vinda do Exmo Sr. Renato Almeida a esta

Capital foi inteiramente custeada pela Academia Catarinense de Letras, que tem a presidência o espírito brilhante de Othon da Gama D'Eça.

S.Excia. presidiu às conferências do Secretário Geral da C.N.F.L. e na primeira delas fez a apresentação do conferencista, em brilhante oração, que publicaremos no próximo numero.

Ainda agasalhando o ilustre visitante, ofereceu em sua residência uma recepção íntima.

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore agradece à Academia Catarinense de Letras o apoio que lhe deu, sem o qual não teria sido possível contar com a visita do ilustre Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore.

### Écos da visita

Sob o título "Desenvolvem-se as pesquisas folclóricas" o periódico "O Jornal", do Rio de Janeiro, de 6 de novembro escreveu:

"Acaba de regressar dos Estados do Sul, o sr. Renato Almeida, secretario-geral da Comissão Nacional de Folclore, do I.B.E.C.C., o qual visitou as Sub-Comissões de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, orientadas, respectivamente, pelos seus secretarios-gerais, senhores Oswaldo Cabral, Dante de Laytano e Edgard Chalbaud Sampaio. Em relatório encaminhado ao senhor Levi Carneiro, presidente do I.B.E.C.C., o sr. Renato Almeida pôs em destaque o trabalho dessas sub-comissões e os apreciáveis resultados já colhidos, não só favorecendo as pesquisas e incentivando os estudos folclóricos, como também despertando o interesse e o amor pelas artes tradicionais do nosso povo, sobretudo no plano educacional. Nos mencionados Estados, as sub-comissões de folclore estão realizando um intenso labor, pela revivescência dos folguedos populares, pela criação de museus escolares e de cursos especializados de folclore, pela pesquisa científica, por processos mecânicos, pela organização de centros e grêmios



de folclore principalmente entre universitários, pela publicação de boletins e pela preservação de nossos elementos tradicionais no seio do povo e seu aproveitamento na educação e na arte".

o

---

Dr. ARTUR RAMOS

Enlutou-se a família científica brasileira com o desaparecimento da sua maior figura nos domínios da antropologia. O professor Artur Ramos, consagrado pela crítica mundial como um dos maiores estudiosos dos fenómenos demo-psicológicos deixou uma bagagem literária bastante grande em livros técnicos, versando sobre psiquiatria, antropologia e folclore.

Ao saudoso e iluminado espírito que nos deixa, as nossas homenagens.

---

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore receberá, de bom grado, qualquer contribuição que possa interessar ao seu museu especializado, ora em organização.

## A PESCA COM O BÔTO

João dos Santos Areão

Um dos fatos, que a meu ver, caracteriza a Laguna, pôrto de escoamento da produção ao Sul do Estado, é a maneira por que se realiza a pescaria em suas praias e enseadas pelos seus destemidos pescadores.

Quem convive com aquela gente tostada pelo iodo do mar, entregue completamente à pescaria, simples, afável e bôa, sente por ela uma enorme simpatia. O seu trabalho se desenvolve de maneira interêssante, devido, naturalmente, às certas exigências que o meio requer, afim de mais rendosa e mais fácil se tornar a sua tarefa. Assim, por exemplo, é o auxílio prestado pelo bôto. Não conheço um outro recanto onde esse recurso seja tão do agrado dos pescadores como na Laguna. Eis como se processa a pescaria: Os bôtos criados dentro da baía vão, aos poucos, tomando contacto com os pescadores, chegando mesmo a serem reconhecidos pelos nomes, como canivete, miguel, bôta-cega, galha cortada, etc... Dêsse contínuo contacto eles vão se amestrando e perdendo o medo que a princípio manifestam ter. Quando se dá o acaso de ser pescado um bôto em tenra idade, os pescadores têm o cuidado de fazer-lhe um sinal quase sempre a

faca. Em seguida soltam-no e dão-lhe um nome.

O galha-cortada foi um dos que receberam êsse brutal batismo, necessário, entretanto, para o seu reconhecimento. Principalmente no começo do inverno, quando há o curso da tainha, é que o trabalho do bôto se torna mais apreciável, em virtude da qualidade do peixe. Como é sabido a tainha corseira vem do sul em grandes cardumes e para um estágio e provável desova precisa de água mansa. Porisso, ao encontrar uma lagôa procura ês se refúgio, depois de caminhar mais de duzentos quilômetros sem nenhum ambiente favorável. Ao penetrar na barra os pescadores dão-lhe caça e o peixe se dispersa. Êsse fato tem provocado muita desavença entre êles, pois o peixe deve ter entrada fácil na lagôa. É depois da entrada do peixe que a ação do bôto se torna mais necessária. Os pescadores logo ao amanhecer se agrupam nos pesqueiros, isto é, em lugar onde o peixe possa ser atingido pelas tarrafas sem ser preciso penetrar n'água, pois se isso se der, o peixe será afugentado. Nos dias de inverno, principalmente pela manhã, quando sopra violento o vento sul, é preciso ter-se uma constituição férrea para suportá-lo. Como a praia é despida de qualquer abrigo, mesmo de touceiras, os pescadores constroem seu esconderijo

escavando na areia um buraco guarnecido por alguns ramos fincados na crista do morro formado pela sobra da escavação. Esses ramos não só auxiliam a quebra do vento, como não deixam a areia se movimentar. A vestimenta do pescador, em geral, é bastante precária: um velho paletó amarrado com barbante em lugar dos botões, um calção, resto de umas calças que já foram calças, e um chapéu surrado que também serve para guarnecer os cigarros e o fósforo colocados sôbre a cabeça. O uso do barbante no lugar dos botões é recomendado para não impedir a manobra da tarrafa e a colocação do cigarro e fósforo sôbre a cabeça para não serem facilmente atingidos pela água. Quando o bôto surge a uma certa distância, sempre em direção à barra, conduzindo o peixe, fato reconhecido pelo nervosismo com que aflora e novamente se aprofunda na gua, respirando forte e espargindo borrifos pelas narinas, os pescadores se alinham na praia e acompanham-no na sua perseguição. Os peixe perseguidos não têm outro recurso senão procurar o baixo, onde o bôto não pode chegar. Este, porém, sente o momento de fazer a "batida" que nada mais é, senão, um avanço rápido, tomando a dianteira do peixo e, em seguida, imprime um movimento circular envolvente e com a cauda levanta o lodo do fundo

do mar, toldando a água.

O objetivo do bôto na "batida" é desnor-tear o rumo do peixe e com o remoinho provocado, obriga-o a uma parada momentânea, tempo suficiente para apanhá-lo. É nessa ocasião que se ouve o chuáa... das tarrafas atiradas quasi ao mesmo tempo, esperando as sobras do bôto. Acontecendo, porém, que o bôto nada tenha obtido com seu trabalho, procura, quasi sempre, tirar da tarrafa do pescador o peixe já aprisionado. Ai, então, o pescador entra nágua, joga pedra, faz barulho para espantá-lo, afim de não perder sua presa e ter furada a sua tarrafa. Se, por acaso, o peixe acossado encontrou no seu trajeto um refúgio seguro ou conseguiu escapar-se de forma definitiva, o bôto retrocede, isto é, volta para o ponto de partida a espera de nova oportunidade. Nessa ocasião: como para avisar o pescador do seu insucesso, levanta-se encarando-o de frente, como quem o saúda, nadando em sentido contrário. Por várias vezes tem acontecido ser o bôto coberto pela tarrafa. Quando isso acontece, são sempre desastrosas as suas consequências, pois, a velocidade do seu nado e a força de que dispõe, não permitem tempo ao pescador para tirar do pulso a laçada da fieira. Também, não é fácil a saída do bôto de dentro da tar

rafa porque, em geral são elas feitas de tecum muito bem fiado, o rufo bastante grande e seguro por fortes tensos, não falando na entralha de boa fibra amparada por uma sólida chumbada. As fieiras são, geralmente, feitas de algodão de três pernas, preparado com muito esmêro, sem nós, tanto no ôlho como no punho.

Muito tempo antes de se falar em filas, já os pescadores da Laguna praticavam-nas com o mais estrito rigor. Aquele que primeiro tomasse lugar na praia para acompanhar o bôto no seu trajeto, não teria a sua frente cortada e os que o sucediam na chegada iam se enfileirando numa verdadeira linha sagrada para todos. Nem sempre os melhores situados eram os mais felizes, pois o peixe veloz como é, dá ocasião para que, às vezes, seja apanhado pelo último da fila. O melhor ponto para a pescaria com o bôto era onde hoje existe o cais de embarque de carvão. Extenso, fundo, permitida aquele local, ao pescador, manobra fácil sem tropelias. Hoje que desapareceu aquela praia de tantas recordações para os velhos pescadores, êles precisam entrar nágua para esperar quieto como um joão-grande, a passagem do bôto conduzindo o peixe tão desejado e que constitui o seu ganha-pão.

O bôto tem sido o grande amigo do pescador; sem êle a população de Laguna, em certas ocasiões do ano não teria daquele alimento tão saboroso que vive nas águas do mar e que a astúcia do homem sabe, com sua artimanha captar. Algumas vezes o bôto gosta de oferecer um espetáculo interessante aos lagunenses. Isso acontece, quando consegue, abocanhar um linguado, estando êle de pança forra.

O espetáculo consiste em manobrar com o pobre prisioneiro, atirando-o a uma altura talvez superior a 20 metros. Depois espera a sua queda para repetir a cena. Assim, brinca pelo espaço suficiente para matar o linguado que, com certeza, não lhe é um dos bocados mais preferidos. A garateia, o espinhel, a linha, a coca, a rede, a fiska, o caniço, a feiticeira, são outros recursos lançados por aqueles pescadores, os quais havemos de focalizar, afim de que, em outras regiões da nossa imensa costa, possam ser aproveitados para dar maior expansão a essa indústria tão sujeita às variações do tempo, das condições do mar e da inteligência dêsse marinheiro expontâneo que é o nosso destemido pescador.

## SÔBRE FOLCLORE JOINVILENSE

Plácido Gomes

### "PÃO POR DEUS"

Foi costume de muitos anos em Joinville di-  
rigir-se a alguém uma missiva, solicitando presen-  
te de festas. Cumpria-se esse ato em Novembro,  
proximidades do fim do ano, talvez a dar tempo ao  
entrevistado de entregar a dádiva pelo Natal. A  
missiva, chamam-na de "pampordeus" e é provável  
que sua origem adviesse dos necessitados e mais tar-  
de se vulgarisasse entre conhecidos e amigos.  
A missiva era representada por uma folha de papel  
multicolor, recortada de crivos e arabescos, como o  
tecido de uma renda, de que copiava o aspecto e  
as variedades. Feitas á tesoura, apresentavam, al-  
gumas, rendilhados artísticos e originais. O cen-  
tro da fôlha destinava-se a um espaço em fôrma de  
coração, reservado para uma quadrinha, pedindo o  
"pampordeus". Nas que temos em mão, lêem-se ver-  
sos como êstes:

- "Sois bonita, delicada  
Foi dote que Deus vos deu  
Mais bonita sereis decerto  
Se me derdes pampordeus".



De Outro:

- "Aqui vai meu coração  
Nas azas de um passarinho  
Vai pedindo pampordeus  
ão meu único amorsinho".

Com mais ou menos graça, o número de versos era infinito e sempre novo. O pampordeus vinha dobrado várias vezes sôbre si mesmo. O momento de desdobrá-lo devia constituir um instante supremo de curiosidade entre cortejados e namorados.

### NATAL

Joinville até 1900 era muito silencioso, sem fábricas, sem ruído, sem movimento. Vida social de colônia. Suas datas memoráveis aguardavam-se com a paciência dos que esperam os acontecimentos rumorosos de uma tradição milenária...

Natal... Espírito Santo... Páscoa...

Bailes sociais, entrudo, jogos de bola, tiro ao alvo, tudo parecia pequeno na lembrança dessas festivas comemorações anuais, que animavam famílias de várias procedências, alemãs, suíças, brasileiras, protestantes e católicas. Joinville então fechava as portas do trabalho para acudir às festas. O Natal trazia os pinheirinhos que se adornavam de lantejoulas, de cordões de prata e ouro, de estre -

linhas e globos multicores, de bonecos de doce sal salpicados de açúcar candi, faiscando tudo á luz profusa de dezenas de velinhas trepadas pelos galhos verdes, daquele pequeno mundo de alegria familiar. Três dias de festa em casa, de presentes, de brinquedos bonitos, de gaitas e tambores, de cuquens, de gasosa para as crianças e cerveja para os adultos. Como hoje, sim, porém mais íntimo, mais de todos, porque não havia outra coisa em que pensar.

Aparecia depois a Pascoa com seus cestos floridos de ovos com bombons, ovos tintos de escarlate, que se ocultavam nos tufos dos jardins para serem procurados, e mais cuquens, mais gasosas, mais bebidas. E ainda três dias de repouso em família.

Só as festas do Espírito Santo é que convidavam as pessoas das cidades e dos sitios para virem ás ruas, ver as procissões de anjinhos, para as missas a incenso e para os fogos de vista, á noite, com rojões de dois folegos e bombardas de rastilho.



Interesse-se pelo nosso folclore. A Sub-Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.

AS VERRUGAS NO FOLCLORE CATARINENSE

Por Walter F. Piazza

Verrugas ou "berrugas", como diz o vulgo, é para Cândido de Figuerêdo: "Pequena saliência consistente, na pele; pequena protuberância rugosa", e Caldas Aulete completa: "pequena excrescência cutanea um tanto consistente, produzida pela hipertrofia das papilas da pele, e cuja superficie umas vezes é lisa, outras desigual e áspera".

Isto é a parte dos clássicos.

Como elas nascem? Assim explica o homem do povo: Quando se aponta para o firmamento e se contam as estrelas as verrugas despontam pelo nosso corpo.

Como curá-las, ainda, encontramos em Aulete: "Erva contra as verrugas, a verrucaria ou tor nasol", que é "gênero de líquens".

Mas, a receita popular é outra, bem diferente. E dela temos três fórmulas, a saber:

Primeira - Tome de uma moeda de vintém (isto antigamente, pois hoje, seria de dez centavos), esfregue-a na "berruga" e atire-a fóra. Ai de quem a apanhar! Quem a ajuntar pega "berrugas" aos montes.

Se a primeira fórmula não servir, vamos

à seguinte:

Pega-se um pedaço de carne, esfrega-se bem sobre a "berruga". Depois se enterra a carne em lugar que nunca mais se volte a pisar.

Enfim, o terceiro método:

Com uma canela de cachorro (osso) esfrega-se a verruga e se o enterra após a operação.

São estas as mezinhas que o popular usa para curar as verrugas ou "berrugas".

Assim vemos que as verrugas têm algo de interessante no folclore de nossa querida terra catarinense.

o

"Sem a pesquisa lemopsicológica inicial, dos elementos étnicos originários, qualquer método de estudo do folk-lore brasileiro tropeçará em dificuldades intransponíveis."

ARTUR RAMOS

(O Folk-lore Negro do Brasil)

VOCABULÁRIO REGIONAL CATARINENSE (Ilha e Litoral)

Recolhido por:

Demostenes Veiga

|                            |  |
|----------------------------|--|
| Andaço .....               | Epidemia                                       |
| Aparado .....              | O primeiro café da manhã                       |
| Pandorga .....             | Papagaio, pipa, etc...                         |
| Juntar .....               | Apanhar um objeto                              |
| Pizar .....                | Machucar                                       |
| Bucica .....               | Cachorro pequeno (1)                           |
| Terra firme .....          | Continente                                     |
| Cangueiro .....            | Carregador                                     |
| Gola (levar gola) .....    | Ser abandonado pela noma-<br>rada ou namorado  |
| Pau de cabeleira .....     | Companheiro do namorado                        |
| Murçilia (2) .....         | Morcela (chouriço)                             |
| Curê .....                 | Porco  |
| Curezinho .....            | Porquinho                                      |
| Sungar .....               | Suspender                                      |
| Pinchar .....              | Jogar um objeto, atirar lon-<br>ge             |
| Inhapa .....               | Quebra nas compras (3)                         |
| Mondongo .....             | Tripas muidas ensopadas                        |
| Puna! .....                | Advertência, admiração                         |
| Parecido .....             | Pessoa bem apresentada                         |
| Em ríba .....              | Em cima  |
| Antes que mal pergunto ..  | Desculpe-me a indiscreção                      |
| Descontra a vontade ...    | Contra a vontade                               |
| Destrocar .....            | Trocar   |
| Desinfeliz .....           | Infeliz  |
| Familinhas .....           | Filhos   |
| Correr com os Passos ..    | Acompanhar a Procissão do<br>Senhor dos Passos |
| Coração de Pão por Deus .. | Pedido de festas                               |
| Pitafó, pitafio .....      | Mau costume (4)                                |
| Chafocoa .....             | Chafariz                                       |
| Bonito-lindo .....         | Gaturano                                       |
| Bonita-feia .....          | Gaipava  |

|                         |                       |
|-------------------------|-----------------------|
| Balula .....            | Mascarado, fantasiado |
| Pinante .....           | Soldado de Polícia    |
| Galinha do mangue ..... | Carangueijo           |
| Barreado .....          | Ensopado de carne (5) |
| Desarriscar .....       | Riscar                |

NOTA: - Havíamos recebido esta contribuição de um velho conterrâneo, ha muitos anos residindo fora do Estado, enviada espontaneamente, no intuito de cooperar com esta Sub-Comissão, e quando iamos leva-la ao conhecimento da mesma, fomos surpreendidos com a notícia do trágico desaparecimento do Autor, assassinado na Capital Federal.

A esta contribuição ao vocabulário regional catarinense tínhamos a fazer, e aqui os publicamos, alguns reparos que não desmerecem, em absoluto, o valor da mesma:

(1) Temos visto o emprego do vocábulo BUCICA para designar não o cão pequeno, mas a cadela de qualquer tamanho.

(2) Temos visto e ouvido o vocábulo MURCILHA, para indicar o chouriço, feito de sangue de porco.

(3) Dar uma INHAPA significa que o vendeiro, solícito a fazê-lo, concede ao comprador, além da quantidade comprada, mais um pouco da mesma, sem aumentar o custo. Dar 13 bananas por 1 dúzia por exemplo...

(4) Por pitafio - Por alguma, por defeitos a uma pessoa, falar mal dela, atribuir-lhe alguma qualidade má, algum defeito de ordem moral..

(5) Barreado é uma especialidade da culinária franciscuense, principalmente dos moradores das praias próximas e consiste em colocar numa panela de barro a carne, os condimentos e outros ingredientes, selando-se a tampa da panela com argamassa feita de barro. Daí o seu nome.

Também temos a referir a expressão NÃO DESAGRADEÇO, muito comum, usada em vez de: - não sou insensível ao seu oferecimento, não recuso a sua oferta.

PELOS MUNICÍPIOS CATARINENSES  
II - Crendices e superstições

Colaboração da 1a. DIVISÃO TÉCNICA do DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA (Secção de Publicidade)

Prosseguindo na campanha da divulgação dos dados obtidos pelo DEE por intermédio dos inquéritos de mológicos, enviados aos snrs. agentes municipais, apresentamos, neste número, algum material referente às crendices e superstições - forma bastante comum do folclore brasileiro e que toma aspecto "sui generis" neste Estado, onde costumes, tendências e tradições de raças diversas extratificam-se em camadas quase indistintas.

Transcreveremos o material coletado pelos agentes municipais de Concórdia e Araquari, respectivamente senhores Ivo Manoel Villas Bôas e Plácido Antônio Borges, cujos informes demonstram o seu critério de pesquisa, tão necessário a um estudo convincente.

CONCÓRDIA

- Entre os novos agricultores de origem italiana, católicos praticantes, é muito comum a prática da queima de parte dos ramos de oliveira ou palmas bentas na Igreja, no Domingo de Ramos, anterior ao domingo da Páscoa, para prevenir males provenientes de relâmpagos e trovoadas, acompanhada tal prática, de rezas e queima de velas, que já pa

ra tal fim são feitas, denominadas "Ciriolas".

- O elemento cabôclo crê em desviar as consequências de faiscas, relâmpagos ou trovoadas, fazendo uma determinada reza e cortando, com uma faca, o espaço, em sinal da cruz, quando surge tempestade.

- É muito comum encontrar-se ferraduras pregadas nos portais de casas, na zona rural, para evitar o "mau olhado".

Para os mesmos fins usam-se ossadas de cabeças de bois, que são postas nas porteiras e cancelas, de entrada para as propriedades.

- Outra crença bastante interessante no meio agrícola, entre elementos de origem italiana é a seguinte: No primeiro dia do ano, percorrem alguns meninos todas as casas de famílias da visinhança, conhecidas ou não, fazendo às vezes grandes trechos a pé, quando as moradias são mais distanciadas, e dando as felicitações, de manhã bem cedo, pela entrada de ano. Tal costume firma-se na crença de que traz sorte ser felicidade ao amanhecer do dia 1<sup>o</sup> do ano, por uma criança do sexo masculino. Para estímulo aos meninos persistirem nessa prática, conserva-se-lhes o interesse com presentes e moedas, em retribuição das felicitações recebidas.



ARAQUARÍ

- a) As credidices ainda têm, neste Município, forte influência, principalmente no que concerne ao curandeirismo. Atribuo isso à falta de recursos médicos, muito embora existam aqui quatro farmácias. É muito comum uma pessoa queixar-se de que há alguém doente na família e que sua moléstia é "arca quaida" ou "mãe do corpo", e o recurso é logo procurar o curandeiro, que a primeira moléstia trata com benzimento e a segunda com "garrafas" ao preço de mais ou menos vinte e cinco cruzeiros.

Acreditam piamente em sonhos, feitiço e sorte. O sonho, por mais absurdo que seja, tem sempre para eles algum significado. E o interessante é que essas credidices não estão só com o povo do interior; os da cidade, quasi todos nelas crêm.

A proposito, há muitos anos atrás, quando dos festejos do Senhor Bom Jesus, que se realizam anualmente aos 6 de agosto em homenagem ao padroeiro do lugar, foi ofertado à Santa uma rica capa, a qual vem sendo guardada em casa da mais alta-diretora da Igreja. Acontece que, últimamente, na época da realização dos festejos, tem chovido e principalmente ao aproximar-se o dia da festa. E

quando isso se dá, reúnem-se os fieis e procuram a pessoa responsável pela capa, e reclamam para que seja vestida no santo, a fim de que a chuva passe. Quanto ao resultado, em todo o tempo que estou aqui tem sido negativo. Mas êles não deixam de crer que em assim procedendo o tempo melhorará.

- Respeitando mais ou menos a pronúncia do informante, aqui está um fato que se passou há 35 anos atrás, neste município.

"No lugar Medeiros, distrito de Barra Velha, um rapaz de 22 anos chamado Antônio Vieira inventô de fazer uma religião. Arrumô um companheiro que o nome dêle não me lembro. Fizeram um andor e todo domingo, numa carrocinha andavam pelo lugarejo, saindo de manhã da casa de Antônio, que era o Santo e por isso ia dentro do andor. Mas no sábado a noite o companheiro de Antônio se encarregava de interrá "sapo sêco", "chifre de boi", e quanta porcaria havia, no fundo da casa por onde domingo êle ia passá. Domingo, ao passá em sua carrocinha, pela frente da primeira casa, êle chamava o moradô e dizia que sua casa estava amaldiçoada e para prova mandava o moradô seu companheiro no fundo do quintal desenterrá o que na noite anterior havia enterado. O morador diante daquela prova fica com medo. Antônio, então, bancava o Santo e de dentro do andor dizia: agora, para você e sua família se puri-

ficá, é preciso que ponha fogo na casa e me siga fazendo parte de minha religião. E assim diante dos fatos, iam os moradores do lugar seguindo Antônio, e sua comitiva já era tão grande, que seu andor já era transportado no hombro de seus crentes. Essa religião teve a duração de 6 meses, até que teve que vim uma fôrça de polícia de Florianópolis e aabar com êles, tendo Antônio ido preso para a Capitá. A fé dêsse povo era tão grande, que por ordem de Antônio, chegavam apanhar de vara para se purificá, sem dizer nada".

---

Coopere para a conservação das nossas  
mais belas tradições, prestigiando a organi  
zação dos autos populares do ciclo de Natal  
e Reis.

## A RESPEITO DOS CORAÇÕES E DOS "PÃO POR DEUS"

Oswaldo R. Cabral

Na esplêndida exposição organizada pelo nosso brilhante confrade Vitor Peluso Júnior e que foi um dos maiores atrativos do Primeiro Congresso Catarinense de História, em a secção de folclore puderam os visitantes apreciar vários exemplares de "Corações" que foram recolhidos graças a iniciativa do eminente e douto Presidente do Congresso, o sr. Desembargador Henrique da Silva Fontes.

Êste nosso digno e ilustre confrade tem sido, em nosso meio, o maior pesquisador no terreno dos "Corações", hoje já quase desaparecido em Santa Catarina, pelo menos nos meios urbanos.

"Corações", também conhecidos por "Pão por Deus", são curiosas mensagens feitas de papel multicolor, recortado em caprichosas filigranas e pacientes renilhados, alguns até demandando paciência e habilidade para abri-los.

No interior, em uma ou duas quadrinhas, o remetente solicita ao destinatário "um pão por Deus", uma dádiva qualquer.

Segundo opinião unânime dos que ainda se recordam dos tempos em que a circulação de taes mensagens era grande, as mesmas eram enviadas nos meses de outubro e novembro, ficando o destinatário na obrigação de enviar até o Natal uma oferta ao remetente.

No Mercado Público de Florianópolis, ha muitos anos, em alguns taboleiros, eu mesmo vi. expostos a venda, numerosos "Pão por Deus", recordados pelas mãos habéis das nossas caboclinhas dos sítios próximos ou pelas de velhas senhoras que paciente-mente se davam, na sua humildade, ao trabalho de confeccioná-los, vendendo-o por alguns níqueis aos

namorados que andavam a cubiçar "lembranças das suas eleitas.

Depois, com o passar do tempo, tornando-se desnecessários, á vista da ação direta, mais eficiente, estes meios epistolares usados pela gente humilde da nossa terra foram desaparecendo.

Mas, havia naqueles modestos escrínios se pa pel colorido, muita quadrinha bonita e sentimental, muito verso bem feito e muito perfume da alma popular, que constitue a preocupação do Professor Henrique Fontes recolher, para perpetuar num estudo completo esta modalidade da nossa poesia folclórica. E, em colecionando-as, também vae recolhendo estes corações de papel que já fizeram pulsar tantos corações de verdade, em palpitações de amor e esperança, exemplares que ainda não foram destruídos pelo tempo nem pelos que julgam aquilo ... coisa sem importância.

Com aquela minúcia e com aquela exatidão que costuma colocar em todos os seus trabalhos intelectuais, no dia em que surgir a sua monografia sobre os "Corações" em que eles serão estudados na sua morfologia e no seu conteúdo, estarão os mesmos definitivamente incorporados ao nosso folclore.

A nós, entretanto, importa aqui apresentar ao eminente amigo e mestre, como achegas ao seu estudo, alguns dados que buscamos colher sobre as origens dos "Corações" e dos "Pão por Deus".

Dois açorianos estiveram em Santa Catarina por ocasião dos festejos bi-centenários do seu povoamento: - o engenheiro Euclides Rosa, feialense, expondo as suas magnificas miniaturas executadas em polpa de figueira, e o sr. Luiz Leal do Amaral, terçoirense, que, com o seu irmão Alexandre Amaral acompanharam com grande carinho as manifestações que aqui se realizavam em honra dos nossos comuns antepassados.

Nenhum dos dois conhecia os corações. Não tinham conhecimento de que no arquipélago se fizessem tais pedidos de brindes, de dadivas, de espor-tulas ou de beijos, em retalhos de papel colorido, atravez de quadrinhas.

Será que no arquipélago açoriano desapareceu o costume, ou nunca existiu, tal como em Santa Catarina?

Permanece a incognita. Porque, se os corações, não vieram dos Açores, o "pão por Deus" veio de lá, com a mais absoluta certeza. Não só de lá como também do arquipélago da Madeira...

Levamos á afirmativa esta referência curiosa, feita pelo Padre Antonio Cordeiro, na sua "História Insulana", em tratando do Padre Doutor Gaspar Frutuoso:

"Em dia que o vulgo chama de finados veio da sua Igreja tanto pão de ofertas para a casa de seu Parocho Doutor, que é fama concorre o grande número de pobres, e maior ainda de meninos, dizendo (como costumão) pão por Deus, etc... e pondo-se o Doutor por si mesmo a repartir-lhes o pão, chegou a dar-lhes o próprio que tinha para o jantar, e a ficar sem pão á mesa, e casa; o que vendo hum seo cunhado, nobre hospede, enfadado disse, que muitos d'aquelles o enganavão e não erão pobres; e respondeo o Doutor: "Pedem por amor de Deus, se me enganão, deixai-me enganar por amor de Deus"...

É bem verdade que nenhum dos modernos Autores açorianos que tenho compulsado faz referência ao Pão por Deus, muito menos a "Corações" - o que leva a crer que o antigo costume entrou em desuso e desapareceu totalmente das Ilhas, o que vem confirmar o depoimento oral dos dois illustres ilheus que nos visitaram.

Entretanto, no arquipélago madeirense, ainda subsiste o costume, tal como o descreveu, nas poucas linhas atraz reproduzidas, o Padre Cordeiro.

Assim é que, Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro, em seu excelente trabalho intitulado "PORTO SANTO" (Monografia linguística, etnográfica e folclórica) - Revista Portuguesa de Filologia, Vol. II, Tomos I e II, pags. 76-1948 - faz referência ao "Pão por Deus":

"No primeiro de Novembro, acorda o Pôrto Santo sobresaltado, ouvindo ao longe uma toada lenta:

Pão por Deus,  
Fiel de Deus,  
Bolinho no sacco,  
Andai com Deus.

Manhã cedo, ainda o sol não rompeu, e já a preguiçosa ilha é obrigada a abrir os olhos e a saltar da cama, atenta ao

Pão por Deus,  
Fiel de Deus,  
Bolinho no sacco,  
Andai com Deus.

Um bando de crianças de ambos os sexos, garotos de meio palmo, de todos os cantos da Ilha, vem de porta em porta, cantando nas suas vozitas friorentas e ensonadas

Pão por Deus,  
Fiel de Deus, ...etc...

às vezes precisas para acordar o dono da casa. E só seguem quando alguma fruta, passas ou tremoços lhes caiu no saquitel de trapos".

Ora, pontos de contacto entre este costume e o que existiu até bom pouco tempo em Santa Catarina, e que ainda existe em alguns recantos da nossa Ilha, segundo estou informado, estão a indicar que foi de lá, dos dois arquipélagos, que ele nos veio, sofrendo aqui modificações, alterava intenção, sem destruir, entretanto, o fio que o liga a sua origem.

Crispim Mira (Terra Catarinense, pag. 15) informa que "o Coração obriga a um presente, de 1<sup>o</sup> de novembro em diante, e esse presente tem o nome de "Pão

por Deus".

Placido Gomes, em recente artigo sobre o "Pão por Deus" (A NOTÍCIA, transcrito neste numero do nosso Boletim) diz que "foi costume de muitos anos em Joinville dirigir-se a alguém u'a missiva, solicitando presente de festas. Cumpria-se esse ato em Novembro".

Lucas A. Boiteux diz-nos que "o pão por Deus é uma herança açoriana" e que "o pedido do pão por Deus começa geralmente no dia do Corpo de Deus para terminar no dia de Finados (2 de Novembro) - (Achegas para o Folclore Catarinense-Tese ao 1º Congresso Catarinense de Historia).

Alvaro Tolentino de Souza é de opinião que o Pão por Deus vem de tempos imemoriais talvez mesmo trazido pelos nossos antepassados açorianos". Depois de explicar no que consistiam os corações e a quem eram comumente dirigidos, explica: "finalizavam o peditório no dia de Finados, etc..." (Folclore Catarinense-Tese ao 1º Congresso Catarinense de Historia).

É evidente que o Pão por Deus sofreu, com a viagem através do Atlântico e dos séculos que passaram, modificações que poderão ser assim resumidas:

1º - quanto á época: -lá, quer nas Ilhas açorianas, quer no arquipelago da Madeira, o dia do peditório é o 1º de Novembro, ou, então, o mais tarde, o dia 2, dia de Finados; aqui estas datas marcam o fim da temporada do peditório.

2º - quanto ás pessoas: lá são os meninos que pedem pão, guloseimas, etc...; aqui o costume foi modificado, passando os pedintes a ter qualquer idade e o objeto do pedido qualquer outra coisa, até mesmo amor...

3º - quanto ao modo de fazer o pedido: -lá as cantorias infantis ou as solicitações simples; aqui, adotado o costume pelos adultos crearam-se os "corações", apropriados para as solicitações amorosas. Em outras palavras: lá, a solicitação oral; aqui,



escrita, e, com esta, a invenção da missiva simbólica.

Não obstante a transformação por que veio a passar o costume, conservou, entretanto: o nome e a época do pedido.

A adoção do coração, assim, teria sido verificada em época posterior, numa nova fase evolutiva por que veio a passar o costume. Dependeu do estado da alma do missivista enamorado e do acanhamento frente a eleita que o incapacitava de obter diretamente a resposta almejada.

Daí a missiva curta, numa quadrinha ingênua, pedindo a dadiça do seu amor. Um coração, recortado de papel de cor assetinado, um escrínio não menos ingênuo mas com um certo cunho artístico, rudimentar, embora. Não dizia tudo?

Além do mais ha a referir que estas missivas foram conhecidas exclusivamente nas zonas de influência açoriana e madeirense. São Francisco e Joinville sofreram influência da vizinhança. Mas, o uso nunca subiu a serra, ao que nos conste, nem foi adotado nas zonas de colonização alienígena.

Com estas notas queremos trazer a nossa modesta contribuição ao estudo deste sedutor tema folclórico em que se empenha o nosso consagrado mestre Henrique Fontes, a quem a oferecemos, neste mês de novembro, como um desataviado Pão por Deus, pedindo-lhe a dadiça da sua benevolência...

É permitido a transcrição de qualquer dos artigos deste Boletim, desde que citados o autor e a fonte.

RESUMO DAS ATAS DAS SESSÕES DA SUB-COMISSÃO

Sessão ordinária de 8-X-1949 - Local: - Biblioteca "Bulhoes Carvalho", do DEE. Presidentes: Oswaldo R. Cabral, Henrique da Silva Fontes, João dos Santos Areão, Ildelfonso Juvenal, Aroldo Caldeira, Walter Piazza, Roberto Lacerda, Carlos da Costa Pereira, Osias Guimarães, Wilmar Dias, Martinho de Haro e Almiro Caldeira de Andrade (Secretario).

Trabalhos de reunião: O Secretário Geral comunicou a chegada, a 16 de outubro, do Sr. Renato de Almeida, Secretario Geral da CNF, submetendo a apreciação da casa o programa organizado para homenagear o ilustre visitante.

O sr. Osias Guimarães ofereceu as páginas da revista "O Vale do Itajaí" para divulgação de assuntos folclóricos.

Foi proposto e aceito para representar a Sub-comissão no Município de P. União o sr. Herminio Mil-lis.

Proposto e aceito o sr. Doralécio Soares para membro da Sub-Comissão.

Sessão de 19-X-1949 - Local: o mesmo. Presentes: Ministro Renato Almeida, Secretario Geral da CNF, Oswaldo R. Cabral, Carlos da Costa Pereira, Walter Piazza, Custodio Campos, Pedro Taulois, Arquibaldo Cabral Neves, João Crisostomo Paiva, Roberto Lacerda, Oswaldo F. de Melo, João dos Santos Areão, João Senna, Plínio Franzoni, Aroldo Caldeira, Wilmar Dias, Pedro Bosco e Almiro Caldeira de Andrade. Trabalhos da reunião: Palestra do Secretario Geral, Ministro Renato Almeida, iniciada com palavras de saudação aos componentes desta Sub-Comissão.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

- Realizou-se a 12 de outubro p. passada a posse da nova Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, eleita a 1<sup>a</sup> do mesmo mês e que ficou assim constituída:

Presidente: - Desembargador Henrique da Silva Fontes (re-eleito)

1<sup>a</sup> Vice: - Prof. Carlos da Costa Pereira (releito)

2<sup>a</sup> Vice: - Major Lupércio Lopes

1<sup>a</sup> Secretário: - Major Alvaro Tolentino de Souza

2<sup>a</sup> Secretário: - Prof. Luiz Trindade

Tesoureiro: - Prof. João dos Santos Areão

Orador: - Dr. Carlos Gomes de Oliveira.

Na mesma oportunidade foram eleitas as Comissões regimentais.

- O Instituto passou a funcionar na Praça 15 de Novembro, no prédio onde estava instalada a Rádio Guarujá.

No mesmo prédio passou a funcionar também a Academia Catarinense de Letras e a Associação Catarinense de Imprensa.

- Foram eleitos membros do Instituto Histórico todos os intelectuais e historiadores que contribuíram com trabalhos ao 1<sup>o</sup> Congresso Catarinense de História, realizado em outubro do ano passado, com grande êxito, nesta Capital.

Sub-Comissão Catarinense de Folclore

REPRESENTANTES NO MUNICÍPIO

Zona do Litoral de São Francisco do Sul

Jaraguá do Sul - Jefferson Davis de Paula

Joinville - Plácido Olímpio de Oliveira

Norberto Bachmann

Plácido Gomes

São Francisco do Sul - Francisco Machado de Souza

Manuel Deodoro de Carvalho

Zona do Litoral de Florianópolis

Nova Trento - Romeu Boiteux Piazza

Palhoça - Lupércio Lopes

Abílio Bossle (Sto Amaro da Imperatriz)

São José - Octaviano Ramos

Zona do Litoral de Laguna

Araranguá - Pe. João Reitz

Imaruí - Montesuma Guarani de Carvalho

Laguna - Ruben Ulisséa

Tubarão - Neusa Nunes

Urussanga - Carlos Blumberg

Zona da Baía do Itajaí

Blumenau - Orlando Ferreira de Melo

Paula Malta Ferraz

João José de Souza Medeiros

Frei Ermendoefer

Oσίας Guimarães

Ibirama - Victor Mendes

José da Luz Fontes

Indaial - Teobaldo Costa Jamundá

Itajaí - José Medeiros Vieira

Nereu Correa

Norberto Silveira Júnior

Zona do Planalto de Canoinhas

Porto União - Herminio Millis

Zona dos Campos de Lajes

Campos Novos - Rogério Fagundes  
Curitibanos - Walter Tenório Cavalcanti  
Euclides José Felipe  
Lajes - Mário Souza  
Sebastião Neves  
Danilo Tiago de Castro  
Trajano Souza

Zona de Joaçaba

Caçador - Antônio Lúcio  
Cid Gonzaga

A correspondência para a Sub-Comissão Catarinense de Folclore deve ser dirigida ao Secretário-geral Dr. OSWALDO R. CABRAL.

(R. Esteves Júnior, 138 - Fpolis, SC)  
ou  
ac Sub-Secretário ALMIRO CALDEIRA DE ANDRADE  
(Avenida Hercílio Luz, 127)

As reuniões da Sub-Comissão Catarinense de Folclore são realizadas bimensalmente, em dia de sábado, às 15 horas, na sala da Biblioteca "Bulhões Carvalho", no Departamento Estadual de Estatística. (Telefone - 1513)

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos sócios existentes em dezembro de 1949

| NOME                               | ENDEREÇO                      |
|------------------------------------|-------------------------------|
| Oswaldo R. Cabral (Secret. Geral)  | R. Esteves Júnior, 138        |
| Almiro Caldeira de Andrade (Secr.) | Av. Hercílio Luz, 127         |
| Altino Flores .....                | R. Feliciano Nunes Pires      |
| Alvaro Tolentino de Souza ...      | R. Vidal Ramos                |
| Antônio Nunes Varela .....         | R. José Jaques, 4             |
| Antônio Taulois de Mesquita..      | R. Esteves Júnior             |
| Aroldo Carneiro de Carvalho .      | Assembleia Legislativa        |
| Aroldo Caldeira .....              | R. Brigadeiro Silva Paes      |
| Bento Aguido Vieira .....          | R. Crispim Mira, 89           |
| Carlos da Costa Pereira .....      | R. Anita Garibaldi            |
| Carlos Büchler Júnior .....        | Dep. de Geogr. e Geologia     |
| Custódio de Campos .....           | Av. Mauro Ramos               |
| Doralécio Soares .....             | Imprensa Oficial              |
| Elpidio Barbosa .....              | Av. Hercílio Luz, 131         |
| Henrique da Silva Fontes ....      | Av. Trompowsky, 14            |
| Henrique Stodiek .....             | R. Saldanho Marinho, 50       |
| Hermes Guedes da Fonseca ....      | Assembleia Legislativa        |
| Ildefonso Juvenal .....            | R. Bocaiuva, 214              |
| João dos Santos Areão .....        | R. D. Jaime Câmara, 11        |
| João Crisóstomo de Paiva ....      | R. 24 de Maio, 467 - Estreito |
| João A. Sena .....                 | R. D. Jaime Câmara, 57        |
| Jose Cordeiro .....                | R. Rafael Bandeira, 55A       |
| Martinho de Haro .....             | R. Altamiro Guimaraes         |
| Manoel Soares de Azevedo Maia.     | R. Conselheiro Mafra, 95      |
| Oswaldo F. de Melo (filho) ...     | Travessa Urussanga, 6         |
| Othon D'Éça .....                  | Av. Mauro Ramos, 129          |
| Plínio Franzoni Júnior .....       | R. Delminda Silveira, 175     |
| Pedro José Bosco .....             | Rua Lajes, 60                 |
| Roberto Lacerda .....              | Dep. Estadual de Estatística  |
| Victor A. Peludo Júnior .....      | Dep. de Geogr. e Cartografia  |
| Wilmar Dias .....                  | R. Esteves Júnior, 47         |
| Walter Piazza .....                | R. Tte Silveira, 55           |